

## Distinções de gosto, por Pierre Bourdieu

### Distinctions of taste, by Pierre Bourdieu

**Juliano Braga Santos\*<sup>1</sup>**

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios (PPG-MPDS/IESB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região, Goiânia, Goiás, Brasil.

 <https://orcid.org/0009-0002-5354-4784>

**Márcio Evangelista Ferreira da Silva\*\*<sup>2</sup>**

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios (PPG-MPDS/IESB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0001-8427-0099>

#### Resumo:

O artigo traz uma breve biografia do sociólogo francês Pierre Bourdieu, apresentando em seguida um apanhado do método epistemológico por ele desenvolvido durante praticamente meio século de atividade científica. Com essa contextualização, são destacados três conceitos imprescindíveis para a compreensão de seu pensamento: *campo*, *habitus* e *capital simbólico*. Adentra, então, especificamente na obra *A Distinção*, em que Bourdieu revela os mecanismos sociais dissimulados na criação das distinções de gosto entre os

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios pelo Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília (PPG-MPDS). Especialista em Direito Constitucional e Administrativo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região (TRT 18). Juiz do Trabalho do Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região. <http://lattes.cnpq.br/6624638322679329>

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (UnICEUB). Professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios do Instituto de Educação Superior de Brasília (PPG-MPDS IESB). Juiz de Direito e professor na Escola de Formação Judiciária do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), Brasília, Distrito Federal, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/2036864260942055> E-mail: [marcio.efs@gmail.com](mailto:marcio.efs@gmail.com)

diversos segmentos da sociedade, afastando a aparente nobreza essencial dos indivíduos componentes das classes mais altas para demonstrar como as instituições sociais, com destaque para o papel da família e da escola, são os verdadeiros fomentadores das condições que permitem àqueles não adstritos a limitações materiais (princípio da necessidade) o progressivo estabelecimento de disposições estéticas diferenciadas, aptas a marcar e reforçar as distinções de classe.

**Palavras-chave:** Pierre Bourdieu. *A Distinção*. Sociologia. Classes sociais. Formação dos gostos.

### Abstract

The article brings a brief biography of the French sociologist Pierre Bourdieu, then presents an overview of the epistemological method developed by him during practically half a century of scientific activity. With this contextualization, three concepts coined by Bourdieu and essential for understanding his thought are highlighted: *field*, *habitus* and *symbolic capital*. It goes, then, specifically into the work *The Distinction*, in which Bourdieu reveals the hidden social mechanisms in the creation of distinctions of taste between the different segments of society, removing the apparent essential nobility of the individuals that compose the higher classes to demonstrate how social institutions, with emphasis on the role of the family and the school, they are the true promoters of the conditions that allow those not bound by material limitations (principle of necessity) to progressively establish differentiated aesthetic dispositions, capable of marking and reinforcing class distinctions.

**Keywords:** Pierre Bourdieu. *The Distinction*. Sociology. Social classes. Formation of tastes.

**Sumário:** 1 Introdução: a sociologia da sociologia. 2 Síntese do pensamento bourdiesiano: 2.1 Campo; 2.2 *Habitus*; 2.3 Capitais simbólicos. 3 As distinções de gosto: os brutos também amam? 3.1. Família e escola: capital cultural incorporado; 3.2. Enobrecimento versus estigmatização: capital cultural institucionalizado. 4 Gosto não se discute? 5 Conclusão. 6 Referências.

## 1 Introdução – A sociologia da sociologia

Pierre Félix Bourdieu nasceu em 1930 na minúscula aldeia de Denguin, região rural do Béarn, na França, conhecida popularmente como “país basco francês” (onde se falava correntemente o *gascão*, língua próxima do catalão e hoje morta)<sup>3</sup>. Oriundo

---

3 Os dados biográficos articulados neste capítulo foram basicamente extraídos de Grenfell (2018), sem prejuízo de pequenos ajustes extraídos das demais obras referenciadas ao final deste trabalho, com destaque para o documentário *A sociologia é um esporte de combate* (2001).

de família campesina, economicamente modesta, o pai viria a se tornar carteiro e, por fim, ascender a uma posição de funcionário público de baixo escalão. De início frequentando escolas locais, posteriormente ingressou em regime de internato no Liceu de Pau. Na sequência, obteve aprovação para ingresso no prestigioso Liceu Louis-le-Grand, considerado uma das principais escolas preparatórias para estudantes em busca de vagas nas *Grandes Écoles* de Paris, as instituições de elite da França. Esse objetivo foi alcançado em 1951, com sua aprovação em concurso para a *École Normale Supérieure* (ENS) que lhe valeu uma bolsa de estudos. Ali, graduou-se em filosofia no ano de 1955.

Nesses anos de formação em instituições de elite, Bourdieu se vê em meio a um ambiente diferente da sua origem. Na obra *Esboço para uma auto-análise* (2005), descreve o choque de sua

O *habitus* é o mediador entre a posição em que o agente se encontra situado no espaço social (aspecto objetivista), de um lado, e as disposições internalizadas no seu corpo como esquemas cognitivos (aspecto subjetivista), de outro.

figura de *bolsista* – a pobreza, o sotaque, o jeito de se expressar e andar, as simplórias maneiras – em contraste com o modo de ser dos *herdeiros* e dos dirigentes do local.

Ainda em 1955, foi designado para prestar serviço militar na Argélia em meio ao conflito que levaria à independência daquele país em relação à França. Bourdieu então se debruça sobre registros etnográficos da sociedade Kabília, resultando em sua primeira publicação importante, *Sociologia da Argélia* (1958), marco de sua conversão da filosofia para a sociologia. Nessa obra o autor descreve a adequação do comportamento dos membros de tribos argelinas aos critérios de ordem trazidos pela intervenção francesa, especialmente quanto à passagem de uma economia pré-capitalista para uma capitalista e a influência dessa mudança na consciência e nos esquemas mentais das pessoas.

Nas décadas de 1960 e 1970, Bourdieu desenvolve extensa pesquisa sobre o estilo de vida dos franceses, com *Anatomia do Gosto*, de 1976, figurando como precursora de sua obra máxima, *A Distinção – crítica social do julgamento*, publicada em 1979.

A primeira parte de *A Distinção* põe foco na análise da origem e desenvolvimento das variações de gosto entre os segmentos da sociedade. Bourdieu afasta a noção espontânea de que as práticas culturais de cada grupo teriam origem numa sensibilidade inata dos sujeitos sociais, derivando, na verdade, da trajetória de socialização dos indivíduos, com ênfase na família e na escola. A inovação de sua perspectiva está na superação da análise puramente econômica das relações na sociedade, chamando a atenção para o papel igualmente importante de aspectos simbólicos que estruturam de forma *relacional* a posição dos agentes sociais.

*A Distinção* leva à consagração definitiva de seu autor na França. Em 1981, Bourdieu ocupa a cadeira de Sociologia no renomado *Collège de France*, posição em grande medida alcançada por força do retumbante sucesso da obra. Pouco mais de duas décadas depois, em 2022, morre de câncer aos 71 anos, em Paris, reconhecido como um dos maiores intelectuais do mundo na segunda metade do Século XX.

O levantamento de dados biográficos do autor de *A Distinção* é etapa incontornável para a compreensão de sua obra. Afinal, conforme ele mesmo propunha, é necessário realizar uma “sociologia da sociologia”, isto é, ao sociólogo impõe-se a realização de “sua própria sociologia”, uma análise reflexiva que situe sua perspectiva pessoal em relação ao objeto de estudo. No documentário francês *A sociologia é um esporte de combate* (2001), Bourdieu toma como exemplo a obra do intelectual francês Michel Foucault, segundo ele uma produção que somente poderia se originar de alguém tocado pela própria condição de vulnerabilidade: “Não é a

homossexualidade bruta que gera uma boa sociologia (...) o problema é como trabalhar sua própria experiência para fazer algo dela”.

O presente trabalho passa, em seguida, à apresentação sintética do pensamento bourdieusiano com atenção a conceitos espalhados por sua obra, com ênfase nos de *campo*, *habitus* e *capital simbólico*. Busca-se delimitar o conteúdo que serve de base metodológica para todo o trabalho de Bourdieu, de modo a situar a obra em estudo dentro do quadro maior da produção científica de seu autor.

Adentrando-se especificamente em *A Distinção*, o artigo mostra como as distinções de gosto são artificialmente estabelecidas de modo a funcionar como fator de distinção simbólica entre a natureza das pessoas ligadas a cada classe, destacando o papel da família e da escola nesse processo.

## 2 Síntese do pensamento bourdieusiano

Para a compreensão do pensamento de Bourdieu, é preciso acessar conceitos e teorias distribuídos em sua vasta produção acadêmica. O autor não se preocupa com o didatismo, pelo contrário, faz de seu estilo hermético um instrumento de choque contra aquilo que denomina *saber espontâneo* (as ideias enraizadas no senso comum sem respaldo empírico). O trabalho do sociólogo é destruir certezas fixadas a partir de opiniões transformadas em verdade simplesmente em decorrência da contínua invocação. Em *Questões de Sociologia*, afirma que “romper com os automatismos verbais (...) é romper com a filosofia social inscrita no discurso espontâneo. Trocar uma palavra por outra é frequentemente operar uma mudança epistemológica decisiva (...)” (1983, p. 30).

Inaugurando uma teoria conhecida como *praxiologia*, Bourdieu estabelece um esquema triádico<sup>4</sup> a partir de outros dois modos de conhecimento do mundo social: a *fenomenologia* e o *estruturalismo*. Busca-se enxergar o homem no dinamismo das interações subjetivas e objetivas que orientam e condicionam seu modo de agir, afastando-o de concepções absolutas em que ele ora se assemelha a um eremita pelo excesso de foco na subjetividade, criando-se uma ilusão de autonomia racional em relação às influências externas (como se dá na fenomenologia<sup>5</sup>), ora a uma marionete pelo excesso de foco na objetividade das estruturas sociais, criando-se uma ilusão de automatismo a partir dos condicionamentos delas emanados (como se dá no estruturalismo<sup>6</sup>).

A *praxiologia* não isola visões subjetivistas e objetivistas. Trata-se de uma *sociologia relacional*: considera as redes de relações sociais em contínua relação com as condições materiais de existência. A atuação do agente se dá num determinado *campo*, sempre com base no *habitus*, em disputas pela alocação de *capitais*. É preciso, assim, compreender melhor esses três conceitos que se relacionam indissociavelmente por toda a obra de Pierre Bourdieu.

---

4 No ensaio “A Via Intermediária”, Bobbio (1994) explica que os esquemas diádicos são usados para resolver contradições que não admitem soluções intermediárias e não podem ser resolvidos a não ser sob a forma de “ou um ou outro” (exemplo: democracia e ditadura são excludentes entre si, já que a aceitação de uma implica necessariamente a rejeição do outro). Por sua vez, o esquema triádico atribui significado positivo a um terceiro termo que exclui, integra ou supera os outros dois, considerados negativos ou insuficientemente positivos. Aqui, o esquema triádico derivado da inserção da teoria bourdieusiana procura suprir a insuficiência dos outros dois relacionados.

5 A fenomenologia é subjetivista: não se pergunta sobre as condições sociais de produção do conhecimento, como se a experiência e as interações do indivíduo pudessem ser resultado de escolhas puramente racionais.

6 O estruturalismo é objetivista: as ações são fruto de conformidade com regras preexistentes no mundo social.

## 2.1 Campo

A sociedade não é um todo harmônico e orgânico que funciona democraticamente a partir de regras isonômicas. Ao contrário, é um espaço estruturado em função das distâncias sociais que separam (lutas) ou aproximam (convergências) os agentes dentro dos diversos *campos* (econômico, político, cultural, artístico, educacional, etc). As pessoas ocupam vários campos simultaneamente, porém cada campo (com seus microcampos) tem eixos estruturais específicos de acordo com os valores e objetivos que consagra.

Antevendo o foco do estudo de *A Distinção*, releva aqui destacar, com base em Grenfell (2018, p. 101), que todo campo social comporta *distinções*: a literatura admite formas de elite e formas populares, a arte contempla desde obras expostas em galerias até fotografias de família, na arquitetura há projetos vanguardistas complexos e moradias pré-fabricadas em conjuntos habitacionais.

Os agentes atuam *conscientemente* por meio de *estratégias* visando à manutenção ou à subversão de suas posições no campo, o que se dará pela conservação ou pela aquisição do capital pertinente ao respectivo campo. Mas também – e principalmente – agem *inconscientemente* segundo condicionantes derivadas de uma socialização internalizada (condicionantes essas que também direcionam as *estratégias*): o *habitus*.

## 2.2. *Habitus*

Em algum momento da vida (ou em vários deles, provavelmente), todos já nos deparamos com a sensação de que algo além da vontade consciente nos impeliu a

pensar e agir de determinada forma. Um comportamento naturalmente adotado, sem reflexão ou cálculo prévio. “Foi mais forte que eu”, “na minha idade não consigo mais para mudar” e outras expressões análogas sutilmente detectam a existência de comportamentos que se desenvolvem e se enraízam nas pessoas sem que elas mesmas se deem conta disso.

Também existem comportamentos aparentemente mecânicos, exemplo do ato de dirigir (em que harmonia dos movimentos “flui” ainda que o motorista esteja imerso em divagações quaisquer), ou os ajustes de fala e ação a que nos adaptamos imperceptivelmente conforme a pessoa com quem interagimos (a mudança de tom ao falar com uma criança, a maior formalidade ao tratar com um superior no ambiente de trabalho) ou ao lugar em que estivermos (uma mesa de bar e uma Igreja recomendarão posturas distintas), tudo isso guarda relação com os códigos de comportamento adquiridos e introjetados pelo agente ao longo da vida, conforme a orientação emanada do campo social em que estiver atuando. Afinal, cada um terá seus próprios códigos destinados a estruturar o *modo de ser* esperado de cada agente, alcançando essa conformação exatamente por meio daquilo que Bourdieu denomina *habitus*.

O *habitus* é o mediador entre a posição em que o agente se encontra situado no espaço social (aspecto objetivista), de um lado, e as disposições internalizadas no seu corpo como esquemas cognitivos (aspecto subjetivista), de outro. Enquanto o campo é a estrutura objetiva do espaço social, o *habitus* representa a incorporação dessa estrutura objetiva no corpo físico dos agentes (“corpo”, aqui, tomado em seu sentido amplo, incluindo as atividades cerebrais responsáveis pelo que se entende como “mente”). O resultado é um corpo treinado, adestrado pela socialização. A biologia se mistura à sociologia nesse processo, formulando um ser humano inconscientemente conformado aos códigos de seu campo social.

A ação é construída pela relação entre os mundos social (estruturas objetivas) e o individual, e é incorporada pelos agentes (estruturas subjetivas) a partir do seu contexto e da sua posição no espaço social, constituindo um conjunto estável de disposições estruturadas que se encontram internalizadas nos agentes e que, portanto, são matrizes de ação e percepção que orientam as escolhas e o agir dos agentes no mundo social.

(...)

Em vez de ‘regras’ e de ‘modelos’, conforme sugere a proposta estruturalista, Bourdieu analisa o mundo social por meio das ‘estratégias’ e dos ‘esquemas’, cujo operador é o *habitus*, estruturas internalizadas sob a forma de disposições que orientam a ação (Monteiro, 2022, p. 26-27).

Embora já esboçada acima, merece novamente destaque uma característica essencial desse conceito: o *habitus* controla comportamentos à margem da consciência; se a ação requisitar deliberação atenta, não é *habitus*.

Imagine-se um transeunte que presencia a queda fatal de um trabalhador de construção civil. Tomando esse transeunte como parâmetro – e colocando à margem da hipótese os sentimentos humanitários que a ocorrência presumivelmente despertaria em qualquer ser humano –, podemos reputar provável que, caso se tratasse de um jornalista, imediatamente lhe viria a mente algo como a manchete do jornal ou a estruturação do texto da notícia num meio de comunicação qualquer. De outro modo, caso o transeunte fosse um advogado, naturalmente sua percepção do sinistro o levaria a cogitações sobre seus efeitos jurídicos (caracterização de acidente do trabalho, responsabilizações civis e criminais, efeitos previdenciários etc.). O campo profissional de cada um deles (jornalístico, no primeiro caso, e jurídico, no segundo) condiciona o enfoque instintivamente dado ao fato como consequência das inclinações inconscientes constitutivas do *habitus* ligado ao dito campo, fazendo

com que o observador-agente se relacione diferentemente com o mundo de acordo com o *habitus* a que estiver vinculado.

### 2.3. Capitais

A posição do agente no campo – e seu *habitus* correspondente – é definida pelo volume de capital ligado a ele. Se o campo é um espaço de lutas, o que se pretende conquistar é justamente um volume cada vez maior do capital relativo àquele determinado campo (mediante a articulação de meios e fins a que Bourdieu dá o nome de *estratégias*). Aqui, Bourdieu se afasta da ideia puramente econômica de capital (como a do marxismo), revelando o caráter *simbólico* dos recursos valorizados em cada campo (mercado simbólico), gerando vários tipos como o capital cultural, o capital social, o capital científico, o capital estético, etc.

Para os fins do presente estudo, como se verá adiante, ganhará especial relevo a figura do *capital cultural*. De início, com base em Monteiro (2022, p. 75), convém delimitar as três modalidades em que pode se apresentar:

I) capital cultural *incorporado*: disposições inscritas no corpo e esquemas mentais dependentes de tempo para inculcação, socialização e incorporação de valores, adquirido sobretudo junto à família e à escola (exemplo: desenvoltura para falar em público, posturas corporais, preferências estéticas, competências intelectuais etc.);

II) capital cultural *objetivado*: posse ou acesso a bens culturais legitimados pelas classes dominantes (quadros, pinturas etc.);

III) capital cultural *institucionalizado*: reconhecimento legitimado pelas instituições (exemplo: diplomas, carteira de habilitação etc.)

### 3 As distinções de gosto: os brutos também amam?

A primeira parte da obra *A Distinção* é toda dedicada a desnudar os mecanismos de criação de gostos incomunicáveis entre as categorias sociais. O gosto, assim delimitado, passa a representar um dos critérios de pertencimento (ou aspiração) a uma determinada classe.

Essa distinção não é estabelecida em termos de igualdade, de modo avalorativo; ao contrário, seu poder simbólico está justamente na capacidade de hierarquizar as posições sociais – gostos refinados se ligam às classes mais altas, servindo como manifestação externa de uma condição pessoal igualmente superior. A rigor, o que Bourdieu nos mostra é que essa perspectiva dissimula a intenção de fazer crer que o gosto requintado da classe superior nada mais representaria que um desdobramento natural de sua própria nobreza intrínseca. O gosto seria nobre porque a pessoa seria nobre, em suma.

Nessa linha, nada mais adequado para delimitar o pertencimento a uma classe do que a relação de seus membros com a arte. Bourdieu afirma que “o julgamento do gosto é a manifestação suprema do *discernimento* que, pela reconciliação do entendimento com a sensibilidade – ora, o pedante compreende sem sentimento profundo, enquanto o mundano usufrui sem compreender – define o homem na acepção plena do termo” (2011, p. 17).

Sua crítica aponta para a constatação de que a distinção de gostos legitima uma seleção naturalizada entre seres aptos e seres inaptos para acessar com profundidade a experiência artística<sup>7</sup>: “(...) os intelectuais acreditam mais na

---

7 Tomando como exemplo a literatura, Mario Vargas Llosa apresenta de forma clara a distinção entre a materialidade dos fatos e a experiência artística a ser considerada na fruição estética: “Que

representação – literatura, teatro, pintura – que nas coisas representadas, ao passo que o ‘povo’ exige, antes de tudo, que as representações e as convenções que as regulam lhe permitam acreditar ‘naïvement’ nas coisas representadas” (2011, p. 12).

Bourdieu detecta que as distinções de gosto, quando entendidas como características inatas, não apenas distinguem, mas verdadeiramente hierarquizam os indivíduos.<sup>8</sup> Mais importante, seu trabalho evidencia o quanto as instituições sociais funcionam como instrumentos de criação e manutenção dessas distinções, destacando especialmente o papel de duas delas: a família e a escola.

### 3.1. Família e Escola: o capital cultural incorporado

A cena inicial do documentário *A sociologia é um esporte de combate* (2001) mostra um já consagrado Pierre Bourdieu em situação de evidente desconforto ao proferir uma palestra. Pouco adiante, ele mesmo revela o motivo do incômodo:

---

diferença existe, então entre uma ficção e uma reportagem de jornal, ou um livro de história? (...) A resposta é: trata-se de sistemas opostos de aproximação do real. (...) A noção de verdade ou mentira funciona de maneira distinta em cada caso. Para o jornalismo ou para a história a verdade depende da comparação entre o escrito e a realidade que o inspira. Quanto mais proximidade, mais verdade, e quanto mais distância, mais mentira. (...) Por outro lado, documentar os erros históricos de Guerra e Paz sobre as guerras napoleônicas seria uma perda de tempo: a verdade do romance não depende disso. Então, depende de quê? Da sua própria capacidade de persuasão (...). Todo bom romance diz a verdade, e todo mau mente. Porque ‘dizer a verdade’ para um romance significa fazer o leitor viver uma ilusão, e ‘mentir’, ser incapaz de conseguir esse engano, esse logro. O romance é, pois, um gênero amoral ou, ainda melhor, de uma ética sui generis, para a qual verdades ou mentiras são concepções exclusivamente estéticas” (2004, p. 20).

8 Distinções inatas entre indivíduos remontam à visão clássica da Grécia Antiga, baseada numa sociedade como ordem natural – atribuíam-se a comandos da natureza (cosmos) a posição de cada indivíduo no corpo social (ética aristocrática). Na filosofia política, o marco sistematizador dessa visão de mundo é *A República*, de Platão, ao propor que a organização da sociedade fosse implementada segundo a ordem da natureza: no alto (cabeça), a política comandada pelos intelectuais, segundo a virtude da sabedoria; na posição intermediária (coração), a organização militar a cargo de guerreiros dotados da virtude da coragem; na base (baixo ventre), o trabalho necessário à subsistência material, a cargo de operários, artesãos e escravos, a quem caberia a virtude da temperança (Ferry, p. 128-9).

malgrado se tratar de um professor experiente, renomado e absolutamente senhor do tema de sua fala, a necessidade de palestrar em inglês no evento impôs grandes obstáculos à fluidez de seu discurso.

Tomando-se por base a cena acima descrita, a dificuldade de expressão do palestrante nem de longe se apresentaria caso estivesse fazendo uso da língua nativa, o francês, algo naturalmente assimilado ao seu corpo primeiramente pelo aprendizado precoce, imersivo e insensível levado a efeito no âmbito da família, e, depois, pela formação metódica e complementar obtida na escola – formação essa que será tanto mais eficaz quanto seja volumoso o capital incorporado pelo estudante na etapa anterior, ligada à família. Ainda que Bourdieu falasse e bem se expressasse na língua inglesa (aprendida tardiamente), a naturalidade da absorção e do trato com sua língua-mãe potencializariam sobremaneira sua comunicação. Pode-se dizer que seu capital cultural de língua inglesa é incomparavelmente inferior ao capital cultural de que é titular na língua francesa.

Tudo isso se conecta perfeitamente com o pensamento bourdieusiano. O bom uso da língua culta é um dos aspectos mais destacados do que se denomina *capital cultural incorporado*. Na linha do exemplo envolvendo a palestra de Bourdieu, tomar-se-á o uso do idioma como parâmetro para elucidar o conceito em estudo.

A origem social da pessoa determinará as condições em que o código linguístico será por ela incorporado – em outras palavras, ela será iniciada no idioma segundo a imitação das palavras e construções frasais a que tiver acesso nos primeiros anos de vida. A imersão precoce e continuada na língua normativa ou na língua não legitimada levará à assimilação natural daquela preponderantemente utilizada no meio em que a criança se encontrar, num processo de verdadeira incorporação dessa língua aos corpos.

Na etapa seguinte, contudo, a escola admitirá somente o uso da língua legitimada para a transmissão de suas habilidades e competências. O que para uns será um aperfeiçoamento, uma mera continuidade do saber já inicialmente incorporado fora da escola, representará para outros, antes de mais nada, exigência de abandono de um saber incorporado, e, depois, uma aprendizagem já defasada em relação àqueles que já se apresentaram com esse capital cultural incorporado.

No mesmo documentário invocado acima, Bourdieu destaca que “há pré-saberes muito importantes no meio escolar: como se comportar, como chegar, como agir, como cuidar do caderno”. Menciona também a “boa vontade”, algo como uma *docilidade* (do latim *docilis*, significando o que se deixa instruir). A melhor adaptação dos alunos com maior capital incorporado é recompensada com melhor interação e melhores resultados, com isso reforçando o estímulo escolar positivo. Ocorre o contrário com os alunos despojados desse capital.

Um capital cultural que agregue numa acumulação contínua os saberes obtidos na família e na escola tende a influir na inserção do agente no mundo do trabalho e em suas escolhas profissionais. Como as diferenças de classe na origem das diferenças de desempenho não são percebidos pela sociedade – que as têm como derivadas de características inatas dos indivíduos – estabelece-se uma situação de reforço da relação dominante/dominado e perpetua-se a distribuição desigual de capitais culturais e econômicos.

A diferença originada fora da escola é assim convertida em diferença dentro da escola e novamente convertida em diferença fora da escola, perpetuando a distribuição desigual de capital cultural.

Os critérios de conversão de capital cultural em capital econômico, contudo, não são livres – dependem de mecanismos de controle das classes dominantes no sentido de selecionar os elementos da cultura passíveis de valoração. Aqui, mais uma

vez, a escola atua como legitimadora das diferenças de classe ao exigir que o capital cultural seja chancelado por ela na forma de *capital cultural institucionalizado*.

### 3.2 Enobrecimento versus estigmatização: o capital cultural institucionalizado

Nem todo conhecimento representa valor reconhecido na sociedade como capital cultural. Assim como na economia o critério de valor para as trocas observa uma moeda chancelada pelo governo (a chamada *moeda corrente*), o capital cultural também está sujeito à chancela de uma instituição, no caso, a escola. Para que os saberes se revistam de valor na sociedade, exige-se a homologação por alguma instância oficial (o exemplo mais notório é a certificação de escolaridade em seus diversos níveis), evidenciando-se assim a razão pela qual esse tipo de capital cultural é dito *institucionalizado*.

Bourdieu chama a atenção para o fato de que a certificação escolar é um sucedâneo dos antigos títulos nobiliárquicos – cujo valor simbólico primeiro estava no reconhecimento de uma natureza humana superior (nobre) ao portador. Enquanto detentores de saberes não institucionalizados “são identificados apenas pelo que fazem, simples filhos de suas obras”, os portadores dos títulos de nobreza cultural não serão definidos pelo que *fazem*, mas pelo que *são*: “basta-lhes ser o que são porque todas as suas práticas valem o que valem seu autor” (2011, p. 27-28).

Isso ocorre porque as nobrezas são substancialmente *essencialistas*: carregam a premissa de que a existência do ser é uma emanção de sua essência. Portanto, o modo de existir em sociedade de alguém essencialmente nobre somente produzirá ações igualmente revestidas de nobreza. Essas pessoas deixam de ser reconhecidas estritamente por suas obras, como um marceneiro o seria apenas por suas peças de

marcenaria, e verdadeiramente passam a subverter essa equação simbólica: são suas qualidades intrínsecas que atribuem reconhecimento a suas obras, não o contrário.<sup>9</sup>

Por outro lado, os conhecimentos acumulados pelo autodidata na prática e pela prática fora das instituições oficiais (dentre os exemplos citados por Bourdieu estão a culinária, a jardinagem e competências artesanais) são válidos restritamente segundo sua eficácia técnica, sem nenhum valor social agregado, além de muitas vezes se sujeitarem a sanções jurídicas (como se dá quanto ao exercício ilegal da medicina). Até mesmo o conhecimento adquirido fora dos limites acadêmicos – a “cultura geral” do indivíduo – requer uma *autodidaxia legítima*.

Ao utilizar uma expressão *essencialmente contraditória* – autodidaxia legítima -, pretendíamos indicar a diferença de natureza que separa a ‘cultura livre’, altamente valorizada, do detentor de diplomas e a cultura livre ilegítima do autodidata: o leitor da revista *Science et Vie* que fala de código genético ou de tabu do incesto expõe-se ao ridículo desde que se aventure fora do universo de seus semelhantes, enquanto Lévi-Strauss ou Monod limitam-se a extrair um suplemento de prestígio de suas incursões no terreno da música ou da filosofia (Bourdieu, 2011, p. 28).

---

9 Neste aspecto, a obra de Bourdieu dialoga com um fenômeno descrito por Ortega y Gasset ainda na primeira metade do século: a capacidade que indivíduos reconhecidamente detentores de um conhecimento específico – aqueles a quem chama de especialistas – têm de emprestar o prestígio angariado dessa forma para suas incursões em outras áreas do conhecimento. Nas palavras do filósofo espanhol: “Antes, os homens podiam ser divididos, simplesmente, em sábios e ignorantes, em mais ou menos sábios e mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser inserido em nenhuma dessas duas categorias. Não é sábio, porque ignora formalmente tudo que não entra em sua especialidade; mas tampouco é um ignorante, porque é ‘um homem de ciência’ e conhece muito bem a sua partícula do universo. Teremos de dizer que é um sábio-ignorante (...) um senhor que se comportará em todas as questões que ignora não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem é um sábio em sua questão especial” (2016, p. 190).

#### 4 Gosto não se discute?

O gosto é a propensão à apropriação por um específico segmento social de objetos ou práticas e constitui-se, desta forma, em *gerador de estilo de vida*. É um operador prático da transmutação das coisas em signos distintos e distintivos. A forma de incorporação de capital cultural por meio da família e da escola é decisiva para a formação do gosto, pois a relação do agente com a cultura (*disposição estética*) depende: a) dos códigos e informações assimilados segundo sua experiência e aprendizagem; b) dos condicionamentos impostos pelas condições materiais de existência (*função versus forma*).

Os códigos e informações incorporados pelo agente compõem o repertório que lhe possibilitará (ou não) assimilar os elementos da cultura que lhe forem disponibilizados. Esse repertório não pode ser objetivamente valorado, e aqui o *habitus* a que estiver ligado atua com força para fixar preferências. Basta notar como diferentes campos sociais originam manifestações artísticas também diferentes a partir de distintos usos do idioma. Há tipos de música e literatura em que a gramática normativa é valorizada, enquanto há outros em que o desvio da norma culta é tido como um valor específico.

As condições materiais de existência são fatores relevantes no estabelecimento das relações entre o agente e os objetos, especialmente quanto à possibilidade de atribuição de valor estético a eles. Enquanto as classes mais economicamente pobres tendem a se fixar na função do objeto (a roupa se presta a vestir o corpo, um alimento a aplacar a fome), as dominantes têm a possibilidade de inserir significados outros nessa relação, alguns de evidente caráter estético (a roupa se transforma em meio de expressão, muito além de sua função básica; o alimento

numa experiência em que não a necessidade de comer é o mais importante, mas sim a fruição de aromas e sabores).

Bourdieu é categórico ao afirmar que o melhor elemento de distinção entre classes é justamente a diferente disposição estética:

Portanto, nada há o que distinga tão rigorosamente as diferentes classes quanto a disposição objetivamente exigida pelo consumo legítimo das obras legítimas, a aptidão para adotar um ponto de vista propriamente estético a respeito de objetos já constituídos esteticamente – portanto, designados para a admiração daqueles que aprenderam a reconhecer os signos do admirável” (Bourdieu, 2011, p. 42).

Em seguida, a exigência de institucionalização do capital cultural funciona como controle da imposição do gosto pela classe dominante. Afinal, essa imposição promove a objetivação do que é ou não passível de valor – o que se dá a partir da disposição estética dos agentes dominantes no campo (disposição essa formada por um capital cultural precocemente incorporado como herança familiar, somado ao capital tardio inculcado com mais eficiência na escola e à maior imersão na cultura na proporção em que se afastam do princípio da necessidade). A legitimação dessa disposição estética associada a uma origem social é assegurada pela carga simbólica de uma suposta “nobreza essencial” induzida pela posição de dominância e pelas desiguais condições culturais e materiais de cada segmento social para organizar um discurso legitimador de suas preferências.

Os gostos extraídos dos *habitus* da classe dominante tornam-se a referência do que é *distinto* (sofisticado), em relação aos demais, tidos por *vulgares*. Expressam simbolicamente a posição de classe (elementos do *habitus*) e, como todo *fator de definição de identidade*, funcionam também com *fator de exclusão*.

O gosto ou as preferências manifestadas através das práticas de consumo é, então, o produto dos condicionamentos associados a uma classe ou fração de classe. Tais preferências têm o poder de unir todos aqueles que são o produto de condições objetivas parecidas, distinguindo-os todavia de todos aqueles que, estando fora do campo socialmente instituído das semelhanças, propagam diferenças inevitáveis. O gosto, dirá Bourdieu, é a aversão, é a intolerância à preferência dos outros (Alves, 2008, p. 181).

Desse modo o gosto, aparecendo ao mesmo tempo como causa e efeito do posicionamento do agente no espaço social com seu respectivo *habitus* – e não como emanção de qualidades inatas do indivíduo –, acaba se colocando como mecanismo simbólico de distinção entre classes a partir da identificação de disposições estéticas bem definidas: o que é *distinto*, o que é *vulgar* e o que é *pretensioso*.

Em matéria de consumo cultural, a oposição principal, segundo o volume global do capital, estabelece-se aqui entre o consumo, designado como *distinto* por sua própria raridade, das frações mais bem providas, ao mesmo tempo, em capital econômico e em capital cultural, por um lado, e, por outro, o consumo considerado socialmente como *vulgar* – por ser, a um só tempo *fácil* e *comum* – dos mais desprovidos nesses dois aspectos de capital; e, nas posições intermediárias, encontram-se as práticas destinadas a aparecer como *pretensiosas* pelo fato da discordância entre a ambição e as possibilidades de sua realização (Bourdieu, 2011, p. 167).

A relação meramente funcional entre o sujeito e o objeto é abandonada pelas classes dominantes em busca de uma relação verdadeiramente estética, em que a forma se sobrepõe à função. Há uma *estilização da vida*, não mais presa às contingências do princípio da necessidade. Comportamentos ligados ao uso da linguagem e à alimentação, dentre outros, são trazidos à análise por Bourdieu.

A linguagem verbal, manifestando-se espontaneamente no seio das classes populares com a única preocupação de se viabilizar a comunicação, é superada pela linguagem altamente controlada da burguesia (tanto pelo estabelecimento de regras morais - como na etiqueta - quanto pela valorização da língua culta com exclusão de outras possibilidades). A espontaneidade de uma (reflexo da natureza) versus o controle da outra (reflexo da nobreza civilizatória) também aparece na linguagem corporal: gestos e mímicas coadjuvam a fala como se a suprir uma insuficiência no uso do vernáculo, quanto às classes menos favorecidas, enquanto nas dominantes o ideal de comportamento se liga ao corpo se apresentando em movimentos lentos e moderados.

Quanto à alimentação, em relação à classe dominante Bourdieu destaca a fixação nas “maneiras” (“ao ‘comer sem formalidades’ da classe popular, a burguesia opõe a preocupação em comer nos conformes”), estabelecendo-se uma série de regras e ritos simbolicamente capazes de afastar a função primária do consumo e transformá-lo numa *cerimônia social* repleta de significação ética e estética. Da mesma forma, incide também aqui a superação do princípio da necessidade na fixação do gosto do indivíduo à medida que ascende socialmente entre as classes:

As classes populares, mais atentas à força do corpo (masculino) do que à sua forma, tendem a procurar produtos, ao mesmo tempo, baratos e nutritivos”, enquanto membros das profissões liberais (identificados com a classe média ou “pequena burguesia” por Bourdieu) “mostrarão sua preferência por produtos saborosos, bons para a saúde, leves e que não fazem engordar (Bourdieu, 2011, p. 179).

Todo esse processo contempla autêntica fusão entre cultura e natureza. Nas palavras de Pierre Bourdieu, “cultura tornada natureza, ou seja, incorporada, classe feita corpo” (2011, p. 179). O corpo torna-se a objetivação do gosto de classe.

## Conclusão

A praxiologia de Pierre Bourdieu inaugura uma nova forma de conhecimento do mundo social, escapando da ilusão de autonomia da razão humana de que parte a fenomenologia e da ilusão de automatismo ínsita ao estruturalismo. O ser humano é focado como alguém sujeito a influências variadas, em que a contínua relação entre o subjetivismo e a cultura produzirá as condicionantes de seu comportamento.

Daí a necessidade de se identificar os campos em que se esse indivíduo atuará no espaço social. Seus valores, suas aspirações e comportamentos serão moldados pela incorporação da cultura em que estiver imerso. Contudo os diferentes modos de ser e de se relacionar com o mundo estão sujeitos a valorações perpetuadas pelas instituições a quem a sociedade atribui o papel de admitir e transferir o conhecimento reconhecido na forma de capital cultural.

Família e escola são as guardiãs dos saberes tidos como aptos para gerar a manutenção ou a ascensão dos agentes dentro dos campos sociais, e se interligam num engrenagem que faz do capital cultural incorporado precocemente no seio da primeira um potencializador da absorção de habilidades transmitidas pela segunda, sem prejuízo de, conjuntamente, estabelecerem a fixação do que deve ou não ser valorizado no “mercado” cultural.

Criam-se as diferentes disposições estéticas, em que cada vez mais a forma se desvencilha da função, cada vez mais o princípio da necessidade dá lugar a uma relação *estetizada* entre sujeito e objeto, em que aqueles não premidos por condições

materiais de sobrevivência limitadas podem atribuir significados simbólicos a todo tipo de comportamento (desde o ato de comer ao de falar ou gesticular de determinada forma).

A Distinção inaugura uma epistemologia que supera explicações restritamente econômicas para a segmentação da sociedade, jogando luz sobre dinâmicas relacionais que se estabelecem com base em fatores culturais e sociais. Mais que isso, denuncia a mentalidade insensivelmente construída pelas distinções de gosto advindas desse processo, calcadas numa visão do mundo que enobrece determinados segmentos da sociedade e brutaliza outros. Facilmente se percebe como a aceitação de premissas tais funcionam como fonte de preconceitos e confirmação da dominância de classe.

## Referências

ALVES, Emiliano Rivello. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, jan/abr 2008, p. 179/184.

BOBBIO, Norberto. **As ideologias e o poder em crise**. 3. ed. Brasília, DF: Edunb, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço para uma auto-análise**. Portugal: Edições 70, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2 ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

FERRY, Luc. **A revolução do amor: por uma espiritualidade laica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

GASSET, José Ortega Y. **A rebelião das massas**. 5. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

GRENFELL, Michael (coord.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. 2. ed. São Paulo, SP: Arx, 2004.

MONTEIRO, José Marciano. **10 lições sobre Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

[PETERS, GABRIEL. Bourdieu em pílulas: objetivismo, subjetivismo e praxiologia. Youtube. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/03/02/bourdieu-em-pilulas-2-que-cazzo-e-praxiologia-por-gabriel-peters/>](https://blogdolabemus.com/2020/03/02/bourdieu-em-pilulas-2-que-cazzo-e-praxiologia-por-gabriel-peters/). Acesso em: 20 ago. 2023.

SOCIOLOGIA é um esporte de combate, A. Direção: Pierre Carles. Produção: CP Produções e VF Films. França: Cara M., 2001. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TIbAd2hwQms>>. Acesso em 19 ago. 2023.

#### **Autorias/ Authorships Contributor Roles Taxonomy**

Juliano Braga Santos (autor, *Conceptualization/ Conceituação*)

Márcio Evangelista Ferreira da Silva (*Supervision / Supervisão*)

#### **Fluxo editorial/Editorial flow**

Recebido em 12.07.2024

Aprovado em 06.09.2024

Publicado em 10.09.2024



Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília

Research Organization Registry

<https://ror.org/05t0gvw18>

A **Revista de Direito – Trabalho, Sociedade e Cidadania / Law Review - Labor, Society and Citizenship** (e-ISSN 2448-2358) adota "Publicação em Fluxo Contínuo"/"Ahead of Print" e Acesso Aberto (OA) vinculada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios (PPG-MPDS) do Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB) e utiliza o verificador de plágio *Similarity Check/Crossref* e visa atender às exigências das boas práticas editoriais da Iniciativa de Acesso Aberto de Budapeste (BOAI),

do Comitê de Ética em Publicações (COPE), do Diretório de Periódicos de Acesso Aberto (DOAJ) e da Associação de Publicações Acadêmicas de Acesso Aberto (OASPA).

A revista possui QUALIS B3 (2017-2020) nas áreas de Direito, Filosofia e Interdisciplinar e seus editores-chefes são filiados à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC).

Está presente e conservada na Rede LOCKSS Cariniana / LOCKSS Program at Stanford Libraries e nos demais indexadores/diretórios: ABEC / CAPES Qualis / Cariniana / Crossref / CrossrefDOI / Crossref Similarity Check / Diadorim / ERIHPLUS / Google Scholar / Latindex / LatinREV / LivRe / Miguilim / Oasisbr / OpenAlex / ROAD / RVBI

### Editores-Chefes

Profa. Dra. Any Ávila Assunção  [ORCID](#) Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília/IESB, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Miguel Ivân Mendonça Carneiro  [ORCID](#).  
Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília/IESB, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

### Conselho Editorial

Profa. Dra. Ada Ávila Assunção  [ORCID](#). Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte/Minas Gerais, Brasil.

Prof. Dr. Alexandre de Souza Agra Belmonte  [ORCID](#). Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília/IESB. Tribunal Superior do Trabalho/ TST, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Alcian Pereira de Souza  [ORCID](#). Universidade do Estado do Amazonas/UEA, Manaus/Amazonas, Brasil.

Prof. Dr. Alex Sandro Calheiros de Moura  [ORCID](#). Universidade de Brasília/UnB, Brasília, Brasil.

Prof. Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro  [ORCID](#). Universidade de São Paulo/USP, São Paulo/São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. Antônio Escrivão Filho  [ORCID](#). Universidade de Brasília/UnB, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy  [ORCID](#). Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília/IESB, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Augusto César Leite de Carvalho  ORCID. Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília/Tribunal Superior do Trabalho/TST, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Diogo Palau Flores dos Santos.  ORCID. Escola da Advocacia Geral da União/AGU, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Douglas Alencar Rodrigues  ORCID. Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília/Tribunal Superior do Trabalho/TST, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Márcio Evangelista Ferreira da Silva  ORCID. Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília/IESB, Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios/JDFT, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Paulo José Leite de Farias  ORCID. Escola Superior do Ministério Público da União, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Ulisses Borges de Resende  ORCID. Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Newton de Oliveira Lima  ORCID. Universidade Federal da Paraíba/UFPB, João Pessoa/Paraíba, Brasil.

Prof. Dr. Rodolfo Mário Veiga Pamplona Filho  ORCID. Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador/Bahia, Brasil.

Prof. Dr. Rodrigo Duarte Fernando dos Passos  ORCID. Universidade Estadual Paulista/UNESP, Marília/São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. Siddharta Legale  ORCID. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil.

Prof. Dr. Sílvio Rosa Filho  ORCID. Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP, Guarulhos/São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. Tiago Resende Botelho  ORCID. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados/Mato Grosso do Sul, Brasil.

Profa. Dra. Yara Maria Pereira Gurgel  ORCID. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil.

### Conselho Consultivo Internacional

Fabio Petrucci , Università degli Studi di Roma *La Sapienza*.

Federico Losurdo  ORCID, L'Università degli Studi di Urbino Carlo Bo

Giorgio Sandulli, Università degli Studi di Roma *La Sapienza*.

Guilherme Dray  ORCID, Universidade Nacional de Lisboa.

Joaquín Perez Rey  ORCID, Universidad de Castilla la Mancha.

### Corpo de Pareceristas (2024-atual)

Prof. Dr. Antônio Escrivão Filho  ORCID. Universidade de Brasília/UnB, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai  ORCID. Escola Superior do Ministério Público do Maranhão - ESMPMA, São Luís/Maranhão, Brasil.

Prof. Dr. Eduardo Xavier Lemos  ORCID. Universidade de Brasília - UnB, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Fernando Nascimento dos Santos  ORCID. Universidade de Brasília - UnB, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Prof. Dr. Guilherme Camargo Massau  ORCID. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, Pelotas/Rio Grande do Sul, Brasil.

Dr. Guilherme Machado Siqueira  ORCID. GCrim/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil.

Prof. Dr. Lucas Barreto Dias  ORCID. Universidade Estadual do Ceará/UEC, Ceará/Fortaleza, Brasil.

Profa. Dra. Núbia Regina Moreira  ORCID. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Jequié/Bahia, Brasil.

Prof. Dr. Wagner Teles de Oliveira  ORCID, Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil.

### Apoio Técnico

Setor de TI do Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília

### Nacionais



### Internacionais

